

Editorial

Prezados colegas,

A ABET inaugura seu terceiro ano no cenário acadêmico ligado ao turismo com um novo volume. Volume esse que, transcende as fronteiras do Brasil, para pensar o turismo, a memória, o próprio patrimônio para além das terras canarinhas. Ao leitor, nesta edição, é possível, se deparar com reflexões em torno das correlações do turismo com a cultura no Brasil e nos Estados Unidos, evidenciando que, a despeito das singularidades de cada região, os desafios ao se pensar o turismo parecem ser semelhantes, como, por exemplo, as leituras parciais das culturas locais, como nos mostra o trabalho Arturo Santamaría Gomez ou, pensando no Brasil, as possibilidades, ainda pouco aproveitadas, de vinculação de elementos culturais à prática do turismo em Caxias do Sul, cidade localizada na Serra Gaúcha.

Nesse sentido, os dois primeiros trabalhos que abrem esta coletânea são de autoria de Edegar Luis Tomazzoni. O primeiro dos textos, que pormenoriza a vasta experiência profissional do autor, é lavrado por ele próprio e, talvez, só o mesmo o próprio autor fosse capaz de desvelar ângulos da formação de um pesquisador por muitos desconhecidos. Por detrás do acadêmico Edegar, há um lastro histórico bastante vigoroso em sua atuação no mercado, junto à área de eventos no Sul do país. Esse dado, embora possa passar despercebido, parece vir à tona ao longo de toda a produção intelectual do autor, na medida em que, uma das marcas de seu trabalho, é a capacidade de dissertar sobre o turismo de uma maneira ao mesmo tempo robusta e acessível, característica típica daqueles que vivenciaram largamente o fenômeno turístico em sua feição prática. Por isso, o texto tem o mérito não apenas de apresentar os trabalhos elaborados por Edegar ao longo de sua carreira, mas, sobretudo, trazer à tona dimensões subjetivas do pesquisador, como, por exemplo, a sua memória, e que se confundem com a produção objetiva (?) de trabalhos acadêmicos e orientação a dezenas de pesquisadores do turismo deste país.

Já *As Contribuições do Sistema Gastronômico Galeto Al Primo Canto para o Patrimônio Cultural e para o Desenvolvimento Turístico de Caxias do Sul (Brasil)*, também de autoria de Edegar Luis Tomazzoni discute como a memória gustativa de

uma comunidade está estritamente alinhavada à memória de uma coletividade e, como, a partir de 1950, a abertura de um estabelecimento gastronômico em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, foi importante para a retomada de uma prática tradicional do medievo europeu. Trata-se da especialidade *galeto al primo canto*, ofertada, a partir daquele momento, pela Galeteria Peccini, empresa de administração familiar que não só inovou na região ao instaurar uma nova modalidade de serviços culinários, na medida em que o cliente poderia consumir diversos pratos até a sua plena satisfação pagando um preço único, como também retoma uma tradição decorrente da imigração italiana para a região, decorrente das caçadas.

Assim, o autor situa o *galeto al primo canto* dentro de uma lógica cultural mais ampla, evidenciando que, para além da dimensão material do prato, há uma gama de símbolos e valores a eles ligados, estritamente ligados a festas, costumes e rituais dos imigrantes italianos, cujas origem remontam à Europa. Esse prato não só aciona elementos culturais que o identificam como tipicamente ligado à memória dos imigrantes italianos, como também faz dele, hoje, uma manifestação cultural intimamente ligada à identidade dos imigrantes de Caxias do Sul, notadamente aqueles oriundos da Itália. Ademais, o trabalho tem como mérito de articular, para além da dimensão historiográfica, um profícuo debate acerca da gestão de empreendimentos privados, na medida em que situa o fundador da então inédita galeteria, Lauthério Peccini, como um gestor que, ao inventar a galeteria, colaboraria para desencadear um processo de inovação na região que transcendeu, inclusive, o setor gastronômico, visto que detonaria um processo mais amplo de inovações junto aos demais empresários caxienses.

Viajeros y turistas de Estados Unidos en periódicos y revistas de México. De la visión imperial del siglo XIX a la paternalista del siglo XXI, de Dr. Arturo Santamaría Gómez, problematiza como viajantes e turistas norte-americanos, em viagem ao México, a partir do século XIX, contribuíram, mediante seus relatos, para a construção de dadas representações sobre o país. Se até a metade do século XIX vigorava um conjunto de relatos reduccionistas, depreciativos, redigidos sobre olhares etnocêntricos, há, a partir da segunda metade do século XIX até a contemporaneidade uma mudança de paradigma,

fomentando, assim, a divulgação de uma imagem mais positiva do país, pautada em um ponto de vista mais plural e amistoso. É, sobretudo, a geração nascida entre 1945 e 1964 que tem fomentado uma visão otimista do país, destacando, dentre outros aspectos, sua hospitalidade e cordialidade. Ao longo do texto, o autor nos aponta como a visão sobre o México variou ao longo de dois séculos. As mulheres, mediante um conjunto de relatos e livros, salientavam o olhar de estranheza em relação aos costumes locais, bem como as contradições existentes no seio da sociedade mexicana. Já a perspectiva masculina, encarnada mediante relatos de diplomatas, viajantes ou escritores, por sua vez, realçava, quase sempre, os vícios dos cidadãos mexicanos, seu atraso, bem como exaltavam uma feição depreciativa do povo, ao passo que se nota o paradoxo presente nas percepções de artistas e intelectuais norte-americanos sobre o país.

Curioso notar que, no século XX, há a vigência, no imaginário norte-americano do México como um destino turístico, agora visualizado de uma maneira positiva, ainda que folclórica. Essa visão positiva do país seria consolidada pela geração norte-americana nascida no pós-guerra, que, a partir dos valores presentes no Ocidente, como a liberdade, passa a realçar as dimensões positivas do país, como a cortesia e a receptividade, legando ao século XXI o desejo de vivenciar a cultura e a paisagem mexicana, em contraposição aos custos de vida, aos costumes e ao estilo de vida mais veloz vigente nos Estados Unidos.

Já Valmir Emil Hoffmann e Daniel Pires Vieira, cujo trabalho é intitulado *Relacionamento entre Organizações e Competitividade Turística: um estudo sobre o Conselho Nacional de Turismo*, se debruçam sobre a instigante questão de investigar em que termos se dão o relacionamento entre organizações que compõe o Conselho Nacional de Turismo, CNT, órgão colegiado que conta com a participação de organizações públicas e privadas relacionadas à atividade turística, mormente em sua feição de orientar a concepção de políticas públicas federais de turismo. A pesquisa, fruto de ampla pesquisa documental, e que resultou na análise de 31 atas concernentes a reuniões do CNT entre 2003 e 2010, tenta compreender como a participação dessa instância tende a contribuir para a melhora da competitividade de um destino turístico. E isso se dá mediante o modelo teórico oriundo de

Dwyer e Kim (2003), cujo recorte prioritário foi o item Gestão do Destino, nas variáveis Organização da Administração e Políticas, Planejamento e Desenvolvimento.

Ao longo do trabalho, os autores apresentam uma instigante e objetiva revisão de literatura no que diz respeito a critérios presentes em modelos de competitividade de destinos turísticos que, articulados, favorecem a competitividade de um dado local e chegam à conclusão de que a gestão governamental tem um significativo peso nesse debate, tendo em vista sua capacidade de articulação entre outros atores envolvidos no processo de tomada de decisões ligadas às políticas públicas de turismo.

De maneira específica, no caso do CNT os pesquisadores concluem que, a despeito de limitações, como certo esvaziamento desse fórum participativo por parte de alguns atores ao longo dos últimos anos, bem como certa preponderância do Ministério do Turismo nos debates, o que pode inibir maior participação de outros *stakeholders*, há, no geral, uma feição positiva em relação ao relacionamento entre atores presentes no CNT, o que favorece que o órgão seja uma esfera e debate importante em âmbito federal no que tange aos anseios de diversos setores ligados ao turismo no Brasil, especialmente na proposição e orientação de políticas públicas de turismo.

Ainda no que tange à discussão para o Brasil, os percalços e limitações do processo de planejamento turístico são problematizados no trabalho *Inventário Turístico: experiências acadêmicas com metodologias e práticas no planejamento do turismo no Pontal Paulista - SP*, de Alisson Perantoni, Letícia Aparecida Viterbo Silva e Fabiane Nagabe. As autoras, ao narrar a experiência de inventariação turística na cidade de Rosana, descerram um importante horizonte para o debate em torno da questão do planejamento: a limitação dos instrumentos de coleta de dados. Limitação essa que se manifesta não apenas pela padronização dessas ferramentas que não conseguem dar conta das especificidades estruturais e singularidades culturais dos destinos turísticos no Brasil. Ao realizarem uma profícua análise documental dos métodos propostos pelo poder público ligado ao turismo no Brasil, as autoras concluem, assim como diversos documentos do Ministério do Turismo por ela evocados, que há a necessidade de investir

em estudos e concepção de instrumentos de coleta de dados mais completos, capazes de dar conta da realidade das cidades brasileiras.

Ao apresentarem à comunidade acadêmica as experiências decorrentes do processo de inventariação turística de Rosana, São Paulo, realizadas pelo Laboratório de Estudos e Planejamento para Consolidação da Oferta Turística (LEPCOT), o trabalho tem o mérito de apresentar ao leitor um pouco do processo histórico, fragmentado e um tanto quanto aleatório, ligado aos debates em torno da inventariança turística no Brasil. Ademais, o texto traz o esforço de pesquisadores brasileiros, dentre os quais elas próprias, de buscar avançar na consecução de instrumentos próprios, mais preocupados com singularidades espaciais e culturais da enorme gama de destinos turísticos do Brasil, de maneira a privilegiar o manejo de informações e o diagnóstico, decorrentes do processo de inventariação, dentro do intrincado e complexo processo de planejar o turismo em terras brasileiras.

Por fim, o texto *O Desenvolvimento de Competências no Setor Hoteleiro Capixaba* explora o contexto profissional de socialização e aprendizado de práticas e competências profissionais alusivas à atividade hoteleira. A partir lócus empírico de estudo amparado em Vitória (ES), os autores Andreza Sampaio de Mello, Thiago Duarte Pimentel, Alfredo Rodrigues Leite da Silva e Mariana Pereira Chaves Pimentel evidenciam como os trabalhadores do setor hoteleiro, em seus diferentes níveis e cargos, adquirem saberes e competências a partir da experiência cotidiana de trabalho, da resolução de problemas e da interação profissional com os colegas. O texto tem o mérito de trazer à tona como ocorre o processo de formação de competências no ambiente de trabalho, que em geral se dá em função dos cargos ocupados e atividades exercidas, já que estas podem contribuir de forma mais direta e imediata para a empresa. Além disso, evidencia como o desenvolvimento desse aprendizado se dá de forma diferenciada, tanto por níveis hierárquicos quanto por tipos de conhecimentos (habilidades, atitudes e competências), o que nos leva a perceber melhor o processo de socialização organizacional e sua influência sobre a própria trajetória pessoal dos indivíduos.

Enfim, é com mais este número que vem a lume que desejamos brindar o esforço dessa equipe crescente de profissionais – editores, conselheiros,

revisores – e estudantes que trabalham com o intuito de levar o melhor e mais atual conhecimento em turismo até você leitor. Agora, convidamos você a se juntar a nós brindando também esse empenho coletivo que ora se materializa em mais esta edição.

A todos uma ótima leitura!

Thiago Duarte Pimentel
Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior
Co-editores